

# PESQUISA-AÇÃO | A AUTO-EDUCAÇÃO DA PRÁTICA

Ana Biglione e Ana Paula P. Chaves Giorgi



“Na compreensão da história como possibilidade, o amanhã é problemático. Para que ele venha é preciso que o construamos mediante a transformação do hoje. Há possibilidades para diferentes amanhãs. A luta já não se reduz a retardar o que virá ou a assegurar sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção. Assumirmo-nos como sujeitos e objetos da história nos torna seres da decisão, da ruptura. Seres éticos.”  
(Freire, 2000a, p. 40)

## UMA BREVE INTRODUÇÃO

A Pedagogia Waldorf vem resignificando o nosso modo de olhar o mundo há pelo menos um século, mas talvez pela primeira vez, ela agora vem sendo vista como alternativa potencial para se restaurar a conexão entre natureza e o ser humano; para traçar um caminho de integração entre o mental, o emocional e a ação consciente no mundo. *E se, ao compartilharmos nossas experiências como sujeitos e objetos dessa história pudermos ajudar a gerar novas referências para decisões que nos fortalecem na reinvenção do mundo?* Esse texto é um convite para olharmos a pesquisa-ação como possibilidade deste caminho.

A pesquisa-ação foi uma metodologia de pesquisa de cuja origem não se tem muita clareza, mas foi Lewin (1946) quem cunhou o termo. A grande mudança que ela trazia para a ciência era a participação do pesquisador no processo de construção do conhecimento:

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos. (...) É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (Tripp, 2006, p.445-6)

Esse método de pesquisa pode ser aproveitado para transformar a sua prática pedagógica em uma pesquisa publicável, sustentando o objetivo maior de **APRENDER COM A REFLEXÃO SOBRE SUA PRÓPRIA PRÁTICA.**

## O PASSO A PASSO

Antes de dar o primeiro passo para construir sua pesquisa, é preciso identificar se há em você um real desejo presente para empreender esse processo de aprendizado. Porque pesquisar com a intenção de aprender com o que fazemos exige realmente questionar a nossa prática.

As dores e incômodos, assim como o entusiasmo, são indicadores de que algo vivo em nós pede transformação. Se conseguirmos escutar o que essa dor, esse incômodo ou esse entusiasmo está trazendo de questionamento, estaremos dentro desse lugar visceral onde nascem as perguntas que nos levam a reinventar o mundo.

Fazer uma pesquisa-ação é querer investigar algo da sua prática de uma maneira estruturada, disciplinada e viva. O objetivo dela é ampliar a compreensão das relações e dinâmicas presentes, mais do que encontrar respostas meramente explicativas.

# Era uma vez: a pergunta, o contexto e a coleta



Considerando que você chegou à sua pergunta, o passo inicial **é contar a história da origem da sua pergunta**. Já reparou que toda história começa contando do sujeito principal e do que levou esse sujeito a uma encruzilhada? Conta do lugar, dos fatos, dos sentimentos vivos que foram constituindo o protagonista até ele chegar ao ponto dramático onde a pergunta aponta um potencial de transformação. Na pesquisa-ação essas informações são recheadas de observações de fatos concretos sobre esses aspectos, e geram o **CONTEXTO** de onde nasce a **PERGUNTA**. A pergunta é o cordão umbilical que une esse contexto ao que se quer investigar. Ela permanece como elo de toda a pesquisa, sustentando o que vem a seguir; ela é o centro de todo corpo de informações a serem coletadas.

Pode parecer simples, mas encontrar a sua pergunta e colocá-la no papel é um esforço consciente que ajuda a enxergar qual o melhor caminho para investigar o fenômeno que nos interessa. De que **MANEIRA** vou coletar informações e registrar o que está acontecendo? Dizer como você vai coletar os dados da sua prática e como vai registrá-los é uma parte fundamental desse primeiro passo. Registrar todos os detalhes e observações do que você faz com precisão e rigor talvez seja algo novo na sua prática e precisa ser planejado com cuidado para que os dados da sua pesquisa se tornem confiáveis. Contar com a ajuda de outra pessoa também enriquece essa coleta e amplia a multiplicidade de perspectivas. Para isso contamos com a triangulação - que também precisa ser planejada aqui.

É essencial não perder de vista a pesquisa-ação como um processo no qual os práticos "coletam evidências a respeito de suas práticas e pressupostos críticos, crenças e valores subjacentes a elas" (Elliott, 2000, p. 209). Analogamente, McNiff (2002) diz que a pesquisa-ação implica em tomar consciência dos princípios que nos conduzem em nosso trabalho: temos de ter clareza a respeito, tanto do que estamos fazendo, quanto do porquê o estamos fazendo. (Tripp, 2005, p.449)

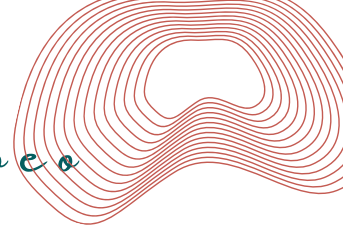
## A triangulação, o papel do outro na pesquisa-ação

Algo importante da pesquisa-ação é reconhecer que o pesquisador está no centro da pesquisa e suas próprias impressões e observações são fundamentais ao processo. O rigor com que cuidamos da coleta e do registro de nossas impressões e observações as torna confiáveis. Mas, um único olhar sobre um fenômeno, por melhor trabalhado que seja, será sempre limitado e uma forma de cuidar de ampliar esses olhares é por meio do que chamamos de triangulação. Além do pesquisador como observador, é preciso identificar quem mais poderá compartilhar percepções e observações, compondo esse campo de olhar ao fenômeno.

"O interesse de muitos, focado em um único ponto, pode produzir excelentes resultados. Aqui torna-se óbvio que o pesquisador irá ao encontro de sua desgraça ao se deixar levar por qualquer sentimento de inveja que busque privar outros dos louros das descobertas, por qualquer desejo irresistível de lidar sozinho e arbitrariamente com uma descoberta." (Goethe, 2011)

**Resumindo:** nesse estágio da sua pesquisa, você já identificou sua pergunta, relatou sobre o contexto onde ela nasceu e descreveu de que maneiras você vai observar sua prática e coletar os dados sobre ela (método de pesquisa) - e com a ajuda de quem vai contar para a triangulação. Tudo isso deve ter por volta de 800 palavras, no máximo uma página e já faz parte do seu relato.

# Os passos da pesquisa: a ação, a observação, a reflexão e o planejamento



Ao descrever o seu contexto e o que vai observar sobre sua prática, você já está anunciando o seu primeiro passo. Lembrando que essa sua pesquisa acontece na sua prática, o primeiro passo é **planejar sua primeira AÇÃO** (ciclo 1) e realizá-la, já dentro do contexto da sua pesquisa. Talvez ela seja uma ação rotineira, não é algo necessariamente novo, mas seu olhar de pesquisador sobre ela é. Descreva o que vai fazer naquela situação da sua prática para investigar sua pergunta.

Por exemplo, se minha pergunta é: "como insiro o folclore brasileiro para o primeiro ano de modo que os elementos da Pedagogia Waldorf relativos ao pensar, ao sentir e ao querer estejam alinhados?", eu posso relatar como pretendo trabalhar esse conteúdo na próxima aula. E, seguindo o que já planejei sobre como coletar os dados, devo registrar tudo o que fiz, pensei, senti e também coletar a percepção e dados fornecidos pela pessoa com quem fiz a triangulação.

Uma vez coletados e registrados os fatos e descrições sobre o que você fez, como e qual foi o impacto disso, você deve então observar o conjunto desses dados com o intuito de enxergar o que eles contam. Na pesquisa-ação, esse momento chamamos de **OBSERVAÇÃO**. Os fatos nos contam novidades e devemos cuidar para não verter sobre eles antigas percepções ou julgamentos que nos impedem de enxergar o que ainda não vimos, o que não tínhamos ainda percebido sobre o contexto ou sobre nossa prática.

Vamos olhar esse conjunto de dados da mesma maneira como escutamos uma história, permitindo que o esforço de atenção para perceber os detalhes e achar o fio narrativo, deixem emergir dela seu sentido: há uma nova compreensão, uma nova descoberta, uma nova percepção, olhar, visão?

Na pesquisa-ação, quando esse novo surge, a gente sente como se tivesse recebido uma graça pelo empenho. Este é o momento que chamamos de **REFLEXÃO**. Ao olharmos o que coletamos com bastante rigor, as partes vão formando um todo, um fio narrativo, pensamentos e percepções novas que são fruto dessa reflexão. Possivelmente aí já conseguimos também enxergar o que precisa ser feito a seguir, o que nos leva ao **PLANEJAMENTO** de um novo ciclo.

Cada ciclo da pesquisa se encerra com um documento reflexivo, escrito a partir do que foi planejado, do que aconteceu e das percepções sobre o que se passou no primeiro ciclo, bem como o planejamento do ciclo seguinte (ciclo 2).

Em nossa prática acadêmica temos realizado ao menos três ciclos de pesquisa-ação para compor uma investigação consistente sobre nossa prática, ou seja, o segundo ciclo culmina com uma nova intervenção informada por esse processo de investigação que abre, com sua ação, um novo - e último - ciclo a ser investigado. O documento reflexivo sobre cada ciclo deve ter cerca de 1500 palavras, não ultrapassando 2000. É natural que ao final dos 3 ciclos, alguma reflexão sobre o todo acompanhe o último texto, tornando cada etapa um processo espiralado de aprendizado, cuja complexidade costuma ser crescente.



Uma boa pesquisa-ação, além da possibilidade de compartilhar esse aprendizado academicamente, deve ser sentida pelo próprio pesquisador: **tenho agora, ao final do processo, uma visão ampliada sobre minha prática e sua relação com seu contexto, o mundo do qual ela é parte?** Se nenhuma percepção realmente nova se abriu, talvez a pesquisa precise ser aprofundada. Assim como uma pergunta de pesquisa viva e legítima, novos aprendizados e percepções - do próprio pesquisador sobre sua prática - são indicadores fundamentais do sucesso da pesquisa-ação enquanto metodologia.

Esperamos que esse pequeno texto, sobre a pesquisa-ação como caminho para aprender e compartilhar nosso aprendizado com outras pessoas, seja um incentivo para fazermos de nossa prática o lugar em que nossas ações, permeadas por nossas emoções e pensamentos, são elevados à uma reflexão viva e relevante para nós mesmos e nosso contexto. Que possam também inspirar que mais pessoas sigam esta jornada de reinventar o mundo, se colocando tanto como sujeito, quanto como objeto das histórias vividas e que queremos contar.



## REFERÊNCIAS

- Davidoff, Sue. *A Pesquisa-ação no cerne de uma Prática Social Reflexiva: um empirismo delicado*. [http://www.proteusinitiative.org/images/Action\\_Research\\_-\\_a\\_Delicate\\_Empiricism.2014](http://www.proteusinitiative.org/images/Action_Research_-_a_Delicate_Empiricism.2014).
- Elliott, John. *El cambio educativo desde la investigación-acción*. Ed. Morata: Madrid, Espanha, 2000.
- Freire, Paulo. *À Sombra desta Mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 2000a.
- Goethe, Johann Wolfgang von. *O Experimento como Mediador entre Objeto e Sujeito*. São Paulo: Ed. Antroposofica, 2011.
- Tripp, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.